



Dormir com o inimigo

O regresso de Portugal ao mercado da dívida pública foi efusivamente saudado pelo Governo. A taxa de juro de 4,89%, a cinco anos, é a melhor nos últimos dois anos. Contudo, continua a ser superior em mais de um ponto percentual ao que o País paga no âmbito do resgate da *troika*. Estamos ainda longe de poder caminhar sozinhos. Pior ainda: querer apresentar a melhoria da atmosfera no mercado da dívida como o resultado da ação do Governo português roça a desonestidade intelectual. As únicas duas razões para isso residem no facto da Alemanha ter sossegado os mercados através de duas medidas, concretizadas em setembro de 2012: «autorizou» Mario Draghi a avançar com o mecanismo OMT, que permite aos Estados que o solicitem, assinando um protocolo de estrita condicionalidade, obter apoio «ilimitado» do BCE no mercado secundário da dívida pública; aceitou manter a Grécia dentro da Zona Euro, afastando os receios de uma reação em cadeia, inevitável caso a Grécia saísse desordenadamente do euro. Por isso, até os gregos viram as suas taxas cair a pique.

Igualmente importante foi a entrevista concedida à jornalista Eva Gaspar por Steffan Kampeter, o n.º 2 do Ministério das Finanças alemão, que visitou Portugal para participar no I Fórum Portugal-Alemanha. Nela são reveladas as linhas de forças seguidas pelo Governo Merkel para a construção de uma Europa que só terá possibilidades de sobreviver sob a batuta da disciplina alemã. Num dado momento, explicou ele: «A crise nasceu porque os mercados silenciaram os seus mecanismos de alerta ao não diferenciarem nos juros cobrados [aos diferentes Estados da Zona Euro]».

Num século, a Europa já se curou duas vezes dessa febre recorrente da hegemonia germânica. Nada indica que não o faça outra vez. Com o inevitável mar de escombros



A FRASE SINTETIZA O QUE TEM SIDO a política de Berlim nesta crise, e os objetivos para o futuro:

- 1)** Ao atrasar a ajuda à Grécia, em 2010, e ao travar uma maior flexibilidade do BCE, em 2011 e 2012, a Alemanha quis dar uma lição não só aos Estados, mas também aos mercados (que não leram o art.º 125 do Tratado de Funcionamento da UE, que impedia os resgates...);
- 2)** A criação dos fundos de resgate (FEEF e MEE), são apresentados como ato de generosidade de Berlim e aliados, quando na verdade visam proteger os interesses exclusivos das exportações alemãs, tendo os países resgatados de aceitar medidas duríssimas, sem discussão democrática, para obterem esse auxílio;
- 3)** A Alemanha não aparenta nenhuma intenção de alterar as insuficiências estruturais da UEM, querendo manter uma moeda única para facilitar as trocas comerciais, mas não pretendendo avançar nem para uma união orçamental, nem para uma política económica comum;
- 4)** A olímpica ausência de referências às instituições europeias, mostra que a Alemanha está contente com uma Europa exclusivamente intergovernamental, em que ela manda e os outros obedecem.

O QUE É INSUPORTÁVEL É A SATISFAÇÃO

do Governo português com esta situação ignóbil, tanto material como moralmente. Na desgraça nacional, não podemos só culpar a incompetência dos aventureiros que dominam os partidos que têm acedido ao executivo. O fator da chantagem e do terror sobre os mercados, parte da estratégica de hegemonia de Merkel, retirando os prisioneiros debaixo de água um segundo antes do afogamento, tem lesado dezenas de milhões de vidas na periferia europeia. A verdade não comove a gente de São Bento. 240 mil portugueses (mais de 2% da população) saíram de Portugal em busca de trabalho, em dois anos. 200 mil empregos foram destruídos em 18 meses. O PIB caiu 3% em 2012, e vai cair mais 2,4% em 2013, com mais 80 mil postos de trabalho destruídos. As empresas públicas rentáveis foram ou serão vendidas (a EDP, a ANA, a TAP, a CP Carga, os CTT...). Em 2014 a viabilidade do País estará ameaçada pelo aumento exponencial da pobreza, da desigualdade, e do nihilismo. Mesmo como província de uma Europa alemã, Portugal não teria futuro. Num século, a Europa já se curou duas vezes dessa febre recorrente da hegemonia germânica. Nada indica que não o faça outra vez. Com o inevitável mar de escombros. ▣